

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA

GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

MARCELO RAMOS DOS REIS

MEMBRO E CONSUMIDOR:  
UMA PERSPECTIVA A PARTIR DO CUIDADO PASTORAL

VITÓRIA-ES

2021

MARCELO RAMOS DOS REIS

MEMBRO E CONSUMIDOR:  
UMA PERSPECTIVA A PARTIR DO CUIDADO PASTORAL

Trabalho de Conclusão de Curso na  
forma de Artigo como requisito parcial  
para obtenção do grau de Bacharel em  
Teologia. Faculdade Unida de Vitória.

Orientador: Abdruschin Schaeffer Rocha

VITÓRIA-ES

2021

## AGRADECIMENTO

Sou grato ao processo que me trouxe a oportunidade de desenvolver uma pesquisa como esta, no intuito de concluir uma graduação. Isto só foi possível com meu esforço e auxílio de especialistas nesta área de atuação. Finalizo esta etapa com a mente aberta para outras possibilidades dentro da área de conhecimento e, mais do que antes, compreendo a importância da missão teológica no mundo. Gratidão a Deus pela conquista e pelo o que ainda está por vir. Obrigado a minha família pelo incentivo, apoio e paciência com as demandas da formação.

## MEMBRO E CONSUMIDOR: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DO CUIDADO PASTORAL

*Marcelo Ramos dos Reis*<sup>1</sup>

Resumo: O presente artigo traz uma análise sobre o cuidado pastoral como vocação da comunidade cristã no mundo. Tomamos como base de nossa pesquisa o tema: *Membro e consumidor - uma perspectiva a partir do cuidado pastoral*. A relevância do assunto de estudo leva em consideração o fato de que a responsabilidade pastoral seja uma das prioridades do ofício no processo de acompanhamento e crescimento da organização religiosa. Contudo, busca-se responder alguns questionamentos no entorno deste cuidado, como por exemplo, situações em que a demanda é direcionada ao líder, mas o descaso e descuido pastoral entram em cena ao invés do processo de cuidado. Com isso, queremos entender por qual motivo esta prática acontece no campo eclesial uma vez que o papel do líder é cuidar, como diz a própria bíblia. Vale ressaltar que o problema neste sentido é duplo, porque o pastor pode retroceder na sua missão e adotar a prática de descuido e descaso, ou seja, abandono no cuidar e o deixar de fazer. Vamos abordar a relação demanda e cuidado, apontando-as como duas necessidades inerentes ao problema exposto acima, na tentativa de apontar soluções a partir da perspectiva teológica de autores que tratam o tema, baseando-se na relação consumista que envolve o processo.

Palavras-chave: Cuidado Pastoral. Religião de Consumo. Religião.

### INTRODUÇÃO

A proposta do tema em destaque nesta pesquisa busca explorar uma das tarefas mais relevantes no que diz respeito ao cuidado pastoral, tendo como objetivo explorar este cuidado como uma vocação da comunidade cristã no mundo. Partindo deste pressuposto, é possível termos uma breve compreensão desta tarefa que envolve toda a Igreja de forma direta ou indireta, ou seja, a ideia aqui não é restringir esta atividade apenas ao líder cristão.

A relação de cuidado que está sendo exposta aqui busca tratar de forma ampla, mesmo que previamente, a respeito do *ser no mundo*, sendo este o modo de cuidar em sua essência.<sup>2</sup> Portanto, a ideia é não obsoletar um conceito de cuidado pastoral, mas apresentá-lo de forma democrática. No entanto, é possível demonstrar que não existe uma única forma de cuidado pastoral, por isso, vamos ressaltar a importância de apresentarmos alguns aspectos que mais definem o que se deseja falar na relação clero e laicato.

---

<sup>1</sup> Graduando em Teologia pela Faculdade Unida de Vitória, Espírito Santo. E-mail: ev.marceloramos@hotmail.com.

<sup>2</sup> ROCHA, Abdruschin S. *Hermenêutica do cuidado pastoral: lendo textos e pessoas num mundo paradoxal*. São Leopoldo: Sinodal, 2012. p. 174.

Em contrapartida, enfatizaremos nesta pesquisa a importante relação supracitada, além de alguns deveres e direitos do fiel frente a este cuidado pastoral, sem apresentar privilégios ao grupo. Quanto ao dever de cuidar, é uma tarefa que compete ao ser humano que se dispõe e se dedica ao cuidado, ele não está restrito a uma única pessoa ou grupo específico, mas a todos.

Pretende-se, também, apresentar a relação de consumo do fiel frente ao sagrado, como também os interesses individuais e coletivos do ser humano. A sua ligação com Deus como meio de se obter produtos e serviços que possam vir a ser ofertados através da crença individual ou coletiva dos que buscam os seus próprios objetivos diante do transcendente. Tomaremos como base a constituição da cultura de consumo imposta pela sociedade de consumo capitalista e globalizada.

Deste modo, apresentaremos uma breve perspectiva do consumismo desenfreado de uma sociedade ligada a este consumo e como este modo consumista está presente no espaço religioso, influenciando e estimulando muitas pessoas a viver uma relação subjetiva com o sagrado.

## 1 RELIGIÃO DE CONSUMO

A relação de consumo desenfreado é um mal do nosso século que ganhou ainda mais proporção com o advento da internet, da publicidade e das redes sociais. Os conteúdos ofertados nestas plataformas são objetos de desejo do ser humano e, como consequência, o que se tem em troca é o consumismo estimulado pelo que se vê divulgado. Na verdade, o que vivemos é a lógica do mercado que dissemina a ideia de que sempre há algum produto e/ou serviço que deve ser adquirido muitas vezes sem nenhuma necessidade.<sup>3</sup>

A busca excessiva de ofertas e possibilidades de aquisição de bens simbólicos da religião mostra que o sagrado tornou-se também objeto de consumo. Neste sentido, o sagrado é consumido simbolicamente nas relações entre os fiéis-consumidores e as instâncias promotoras do sagrado. Na lógica do mercado, essas instâncias elaboram seus produtos ao gosto do seu público-alvo.<sup>4</sup>

Estas instâncias ligadas ao consumo, a qual se está falando, se dá na sua grande maioria na oferta de inúmeras possibilidades e crenças fundamentadas em nome de Deus no

---

<sup>3</sup> SILVA, Ivan de O. *Relação de consumo religiosa: a vulnerabilidade do fiel-consumidor e a sua tutela por meio do Código de Defesa do Consumidor*. São Paulo: Atlas, 2012. p. 7.

<sup>4</sup> SILVA, 2012, p. 34.

intuito de se fazer acreditar no recebimento de algo em troca. São situações que podem ser exemplificadas como o evento que trará uma água *ungida*, captada em um local sagrado – a Terra Santa –, que deixa de ser apenas água para promover um simbolismo, dado o trato cultural que o ambiente representa.

Os promotores usam a instrumentalização do sagrado na tentativa de direcionar a vida religiosa do fiel-consumidor a se basear entre um bem de religião e outro. No entanto, a relação do fiel com o sagrado é de consumo pelo que é ofertado. Podemos citar bens de religião, ou seja, produtos e serviços religiosos destinados a atender os mais diversos desejos dos consumidores.<sup>5</sup>

O cenário que é visto diante das relações religiosas entre as instâncias promotoras do sagrado e os consumidores de bens simbólicos de religião, é de vulnerabilidade do consumidor de produtos e serviços por ser o elo mais fraco e sem conhecimento no âmbito do negócio jurídico e teológico. Além disso, é de se notar ainda que o consumidor não participa da estruturação, manipulação e detalhes na oferta dos espaços e tempos sagrados, visto que esta prerrogativa encontra-se na alçada das instâncias promotoras do sagrado.<sup>6</sup>

Isso significa dizer que quem consome essas ofertas são apenas meros consumidores que não têm informação sobre o produto ofertado, uma vez que são colocados como elemento subterfúgio da fé. É uma relação de consumo que não é firmada pelo esclarecimento do que se oferta, mas da promessa por algo que não há comprovação.

A compressão que temos até aqui é que estamos diante de uma grande Indústria Cultural Religiosa que possui os seus instrumentos de controle sobre os fiéis-consumidores e que adotou medidas rigorosas, como vimos acima, para controlar o consumidor e despertar nele o desejo para o consumo de bens simbólicos de religião.<sup>7</sup>

E não há motivo para estranheza, uma vez que as ofertas de produtos e serviços são inúmeras e todas com promessas de algo que virá direto do sagrado. São promessas de acesso a bens, conquistas profissionais e financeiras, além de sucesso vindo do imaginário sem o exercício do conhecimento. Essas bonificações são ofertadas em vigílias, uma seção do descarrego, na concentração de milagres ou no culto da vitória.<sup>8</sup>

---

<sup>5</sup> SILVA, 2012, p. 40.

<sup>6</sup> SILVA, 2012, p. 121.

<sup>7</sup> SILVA, 2012, p. 90.

<sup>8</sup> SILVA, 2012, p. 91.

A condição do fiel-consumidor é de destinatário final, ou seja, “consumidor é toda pessoa física ou jurídica que adquire ou utiliza produtos ou serviços”<sup>9</sup>. Assim, quando um fiel-consumidor adquire bens simbólicos de religião da instância promotora do sagrado de sua preferência, estará ele na condição de destinatário final de um produto ou serviço religioso. Logo, há a possibilidade também da intervenção de grupos nestas relações de consumo, que possuem o objetivo de apenas consumir produtos e serviços religiosos.<sup>10</sup>

Esta prática comercial leva tanto ao movimento de pessoas na instituição religiosa como também à desestruturação de vidas, em decorrência de promessas que possam não ser cumpridas. Desta forma, podemos considerar que, no âmbito religioso, há pessoas feridas que consideram ter encontrado o desalento em algo promulgado em nome de Deus.

Neste cenário, entra a percepção e a prática da aplicação bíblica que prevê o cuidado de Deus em amor ao próximo enquanto uma missão designada ao ato de pastorear. A participação do pastor no sofrimento dessas pessoas evidencia a sua disposição em prestar um trabalho e/ou serviço, ao fazer legítima uma forma de consumo por esses consumidores. Neste contexto, o trabalho pastoral é a decisão de lidar, nos termos mais íntimos e pessoais, com o sofrimento. Não significa encontrar formas de minimizar a dor ou caminhos que a evitem. O interesse maior não é tentar explicar o sofrimento e nem procurar uma cura para ele.<sup>11</sup>

No entanto, quando o pastor encontra alguém em dificuldade sua primeira obrigação é entender a dor e compartilhar o sofrimento. Em seguida, a tarefa se desenvolverá no sentido de afastar as ruínas emocionais e deixar à vista os fundamentos históricos: deixando claro ao fiel-consumidor que todo sofrimento é provocado por alguma coisa.<sup>12</sup>

## 2 O CUIDADO COMO VOCAÇÃO

O que observamos até aqui, é que a missão de cuidar não é destinada a todos que se propõe a fazê-la, mas a quem a considera como missão. No meio desse caminho, o verdadeiro serviço religioso é colocado à prova por falsas *ofertas religiosas*, impostas ao público-alvo. Por isso, é importante destacar a importância da vocação no cuidado pastoral, uma vez que o líder terá que exercer a função de cuidar, independente do problema que for exposto diante do seu chamado.

---

<sup>9</sup> BRASIL. Casa Civil. *Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990*. [Dispõe sobre a proteção do consumidor e dá outras providências]. Brasília: Presidência da República. [online]. [n.p.].

<sup>10</sup> SILVA, 2012, p. 152-155.

<sup>11</sup> PETERSON, 2003, p. 139.

<sup>12</sup> PETERSON, 2003, p. 154.

Isso significa dizer que, também, estamos tratando de uma relação de consumo religioso por estar relacionado à oferta de bens e serviços. Neste caso, alguém que precisa dedicar tempo, conhecimento, entrega pessoal, dentre outros, em prol do indivíduo. Porém, aqui o trabalho pastoral é em conjunto, ou seja, a comunidade é envolvida no processo de cuidar um do outro.

Nesta seção, pretende-se também esclarecer a respeito do cuidado como vocação, propondo um conceito que mais o defina e apresente alguns aspectos e motivações que o tornam indispensável para a continuidade da vida no mundo. A intenção não é propor um conceito absoluto, mas uma noção para refletir o cuidado como verdadeira vocação.

## 2.1 Um conceito de cuidado pastoral

A vocação de cuidar é se dedicar a formação do ser humano na humanidade. Segundo Leonardo Boff, a ocupação do pastorado está atrelada a pré-disposição do líder em cuidar, e cuidar é mais que um ato, é uma *atitude*. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e desvelo, representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilidade e envolvimento afetivo com o outro. Isto mostra que o cuidado pastoral não é literalmente um conceito bíblico, mas fundamentado na tradição da Igreja com respaldo nas Escrituras.<sup>13</sup>

Segundo cita o professor Abdruschin Schaeffer Rocha, em uma vídeo-aula usada como parâmetro para nortear o nosso diálogo, o conceito de cuidado pastoral não significa apenas um exercício de uma atividade eclesial. A definição que melhor explica esta missão é a afirmativa de que o cuidado pastoral é uma vocação da comunidade cristã no mundo.<sup>14</sup>

Partimos do pressuposto que o envolvimento da comunidade dentro do processo do cuidado pastoral auxilia o líder na tentativa de descentralizar o cuidado fazendo com que esta tarefa não permaneça de forma exclusiva na figura pastoral. Logo, este cuidado tem a sua importância quando deixa de ser meramente particular e passa a ser comunitário, ou seja, ele também pertence à Igreja, legitimando uma tarefa primordial no mundo.

A tarefa da qual falamos inserida no contexto *mundo* refere-se ao útero no sentido de lugar onde o ser humano é constituído. A palavra mundo aqui não está ligada ao espaço geográfico global, mas onde o ser humano é construído, ou seja, ele se constitui no mundo e

---

<sup>13</sup> SATHLER-ROSA, Ronaldo. *Cuidado pastoral em tempos de insegurança: uma hermenêutica teológico-pastoral*. 2. ed. São Paulo: Aste, 2010. p. 35.

<sup>14</sup> ROCHA, Abdruschin S. *O cuidado pastoral e os limites do dualismo clero-laicato*. [YouTube, 11 out. 2018]. Vitória: Faculdade Unida, 2018a. (28min 24s). [online].

torna um ser que recebeu a permissão de habitar como um ser humano e que vai participar de todo o processo de construção da humanidade, além de se construir também.<sup>15</sup>

Uma vez inserido na humanidade, o indivíduo passa a vivenciar o processo rotineiro da vida humana e, conseqüentemente, as dificuldades que ela apresenta. Por serem seres espirituais, os humanos demandam uma necessidade de atenção psíquica que está relacionada ao cuidado da alma e atrelada à missão pastoral.<sup>16</sup>

É aí que entra as condições de manutenção da vida e que surge também a necessidade do cuidado, que é comprometido quando o necessitado se depara com o descuido e descaso dentro do processo do cuidado pastoral, quando este cai na degradação. Estes dois aspectos podem aparecer enquanto o cuidador cuida e por um acaso ele deixa de cuidar. O cuidado do ser é tão importante quanto o cuidado de uma árvore. Se esta não receber os devidos cuidados ela morre. Assim também é o ser humano dentro dos sintomas da crise civilizacional.<sup>17</sup>

É mediante a ausência deste cuidado que muitos se rebelam e perdem a esperança, deixam de acreditar na regeneração. Muitos até possuem fé e a esperança, mas se apoiam em remédios inadequados aos sintomas de uma doença coletiva. Neste caso, a humanidade caiu no mal-estar generalizado afirmando que não dependem de Deus e, por isso, abandonam a religião e vivem uma secularização com a justificativa que não precisam de Deus para legitimar e justificar os pactos sociais.<sup>18</sup>

## 2.2 Cuidado em perspectiva antropológica

O cuidado é uma prática evidenciada desde os primórdios e que tem passado por evolução ao longo dos anos. Ainda no início deste século a interpretação antropológica era considerada de difícil entendimento, mas que ganhou reconhecimento a partir da identificação dos elementos básicos do sagrado como, por exemplo, o crer em Jesus.

Além disso, o cuidado exposto aqui é alicerçado nas tradições culturais e religiosas do Antigo Oriente Médio. Segundo Elena Bosetti, este conceito está baseado no hino a Shamash que quer dizer o sol, uma obra-prima da literatura mesopotâmica escrita por volta do fim do segundo milênio. Neste cenário, em que o sol é celebrado, são louvados seu cuidado e

---

<sup>15</sup> ROCHA, Abdruschin S. *O mundo como lugar*. [YouTube, 11 out. 2018]. Vitória: Faculdade Unida, 2018b. (05min 39s). [online].

<sup>16</sup> BOFF, 2008, p. 12 *apud* SATHLER-ROSA, 2010, p. 35,36.

<sup>17</sup> BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 4.

<sup>18</sup> BOFF, 2008, p. 6.

interesse para com todas as criaturas, e ele é chamado pastor, uma referência ao cuidado designado a toda a criação.<sup>19</sup>

Desde então, o cuidado está presente mesmo antes de qualquer ação ou frente ao cuidado de qualquer coisa ou pessoa. Sendo assim, o cuidado é um modo-de-ser e um modo pelo qual este ser se manifesta. Com isso, podemos afirmar que, em sentido antropológico, o cuidado também é uma vocação do ser humano.<sup>20</sup>

O que se busca estabelecer é uma relação entre o cuidado como vocação da comunidade no mundo e o cuidado em perspectiva antropológica. Ambos são necessários para a manutenção da vida no mundo e, por isso, é preciso reconhecer que o cuidado é um modo-de-ser essencial do ser humano que está sempre presente e irredutível à realidade anterior, sendo originária, ontológica, impossível de ser totalmente desvirtuada.<sup>21</sup>

A disponibilidade do cuidar, neste contexto, está arraigada ao fazer pelo outro, uma vez que o indivíduo no núcleo da comunidade só se torna humano ao investir tempo e dedicação ao outro. Esse reconhecimento fideliza no ser humano a condição de existir em prol do outro que é seu próprio semelhante.

Já destacamos que o cuidado às vezes é falho. Por isso, vale retomarmos a discussão sobre o descuido e o descaso, que são sintomas que a civilização vive em seu cotidiano. Isto para enfatizarmos a importância do cuidado, pois ambos se opõem e neste aspecto ele é mais que um ato, é uma atitude. Ele representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilidade e de envolvimento com o outro.<sup>22</sup>

No processo de cuidado, seja ele pastoral ou na perspectiva antropológica, a memória é um meio pelo qual é possível acessarmos os sentimentos de dor, alegrias, situações de traumas e cicatrizes e, é por meio dela, que o cuidador ou a comunidade cuidadora podem mapear o caminho da cura. Isso não quer dizer que facilite o processo, mas seria ceder à pressão de certas teologias contemporâneas.<sup>23</sup>

O cuidador eclesial em seu cotidiano se depara com inúmeras pessoas e, dentre elas, estão àquelas pessoas que sofrem porque são vítimas de experiências negativas que lhes imprimiram certas *marcas*, impedindo-as de desfrutar do seu presente e futuro. O cuidado é

---

<sup>19</sup> BOSETTI, Elena; PANIMOLLE, Salvatore A. *Deus-pastor na Bíblia: solidariedade de Deus com seu povo*. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 12-14.

<sup>20</sup> ROCHA, Abdruschin S. *O cuidado como modo de ser*. [YouTube, 11 out. 2018]. Vitória: Faculdade Unida, 2018c. (09min 50s). [online].

<sup>21</sup> BOFF, 2008, p. 13.

<sup>22</sup> BOFF, 2008, p. 12.

<sup>23</sup> ROCHA, Abdruschin S. *Hermenêutica do cuidado pastoral: lendo textos e pessoas num mundo paradoxal*. São Leopoldo: Sinodal, 2012. p. 209.

provido quando se aprende a não tornar o passado determinante do presente e do futuro, desvinculando-se do mesmo e buscando novas experiências jamais vividas.<sup>24</sup>

É dentro do diálogo entre o cuidador e o outro que se torna possível mostrar os caminhos da cura, ensinando as pessoas a reinterpretar suas memórias, ressignificar suas experiências, encorajando-as a desistir – ou seja, a se libertar, abrindo mão – de tudo que não incrementa o ser. Significa lembrá-las, por assim dizer, que é preciso experimentar situações desconhecidas que agreguem novos sentidos aos *factos* antes vividos de maneira traumática. Esta é a tarefa de quem cuida.<sup>25</sup>

A relação de cuidado se entende por meio do que o outro necessita. Quando compreendemos este princípio conseguimos saltar para a importância que este ser tem no mundo e logo entendemos que, nesse sentido, não se trata de pensar e falar sobre o cuidado como objeto independente de nós, mas de como recebemos este cuidado. Isso significa que o cuidado possui uma dimensão ontológica apontada por Heidegger como a definição essencial do ser humano e estruturação da sua prática.<sup>26</sup>

É possível notarmos que, dentro da dimensão do cuidado ontológico do ser, é imprescindível anularmos o diálogo, tendo em vista que o mesmo se dá ao conhecer o outro, na busca por ouvir e ser ouvido, formando uma relação de proximidade com a realidade então vivida. É como ler e reler as mesmas cartas, ou seja, significa ver as pessoas por novos ângulos. Ver a cada vez. Portanto, trata-se de um *outro* que se resguarda no outro.<sup>27</sup>

É uma troca entre quem cuida e quem recebe atenção e isso só é possível a partir do aprofundamento de quem cuida nas experiências vividas e nos registros bíblicos ao longo dos anos. O processo faz com que este cuidador seja treinado ora pela prática, ora pelo que já está registrado. E são estes registros que proporcionam bagagem para o exercício fidedigno da sua missão de cuidar.

A experiência que o cuidador tem com a participação no dia a dia de suas ovelhas é a de reciprocidade, ou seja, quando duas pessoas se encontram *um-face-ao-outro*, trata-se na verdade de dois seres que existem no mundo para um propósito, cada qual com suas possibilidades e potenciais distintos. Nesta proporção, torna a presença do ser humano como presença no mundo – *ser-no-mundo* –, como vimos anteriormente, já a sua presença diante do outro – *ser-com-os-outros* –, um ir-e-vir ontológico.<sup>28</sup>

---

<sup>24</sup> ROCHA, 2012, p. 206-207.

<sup>25</sup> ROCHA, 2012, p. 208.

<sup>26</sup> BOFF, 2008, p. 41.

<sup>27</sup> ROCHA, 2012, p. 199.

<sup>28</sup> ROCHA, 2012, p. 163.

O cuidador pastoral depende de uma *boa* interpretação tanto do texto escrito quanto do cenário e experiências vividas pelas pessoas cuidadas por ele. Logo, se perceberá nesta relação chamada textos vivos que esse dinamismo é muito maior fazendo com que haja uma urgência em superar o dualismo teórico-prático no ministério pastoral.<sup>29</sup>

### 3 O CUIDADO PELA COMUNIDADE CRISTÃ

É notório que o cuidar do ser não é algo coletivo, mas provém de uma individualidade para que o conhecimento mútuo das necessidades do ser se estenda a toda à comunidade. É o entendimento de que conhecendo o ser, compreendendo suas necessidades e atreladas as experiências a partir deste ser, o cuidador está sendo preparado para exercer o cuidar dos demais na sua essência.

É por meio deste cuidado mútuo que o cuidador mantém a relação de acolhimento pastoral pela comunidade cristã e forma uma conexão entre o conhecer e se tornar conhecido a partir das experiências vividas por cada cristão. O que se nota neste contexto é a importância da presença pastoral nas experiências negativas ou positivas de cada pessoa que se considera parte do corpo da Igreja, ou não.

Compreende-se então que a abordagem sobre o envolvimento entre ovelha e pastor está relacionada a um vínculo de entrega mútua, tomando por base a vocação que também é atrelada à obra humana, ou seja, um posicionamento depende do outro. Porém, vale ressaltar que o cuidado está inserido no sentido amplo da humanidade, mas a comunidade cristã usufrui desta democratização. Apesar disso, não há uma profissionalização do cuidado e também não há pertencimento por parte do cuidador e do ser cuidado, mas uma reciprocidade dentro do processo.<sup>30</sup>

O trabalho pastoral pela comunidade cristã tende a ser uma relação de conferir a apresentação desta religião ao mundo, pessoas, amigos, colegas, etc., pois, se a deixar de canto, ela será tímida, introvertida e isolada, sendo que na verdade ela não é particular e nem banal. Neste contexto, o pastor tende a levar a religião a se misturar com a multidão. É como se ele estivesse fazendo-a entender que o lugar dela não se confere só dentro do templo.<sup>31</sup>

É uma tarefa tanto complexa em apresentar esta Igreja ao mundo e vice-versa, porque todos os dias somos bombardeados de notícias ruins, manchetes em jornais, o caos está do

---

<sup>29</sup> ROCHA, 2012, p. 160.

<sup>30</sup> ROCHA, 2018a, 03min 43s – 04min 37s.

<sup>31</sup> PETERSON, Eugene H. *O pastor que Deus usa: o trabalho pastoral segundo a Palavra de Deus*. Rio de Janeiro: Textus, 2003. p. 13.

lado de fora do templo. O que mais se vê são casamentos, carreiras, planos, famílias, alianças e amizades sendo destruídos e os pastores convivem com essas ruínas diariamente e, diante a tudo isso, o jeito é recorrer a Deus em oração.<sup>32</sup>

O pastor se vê diante de uma condição que é preciso fazer escolhas para manter a continuidade do seu pastorado. Ele e tantos outros não podem abrir mão do seu posto simplesmente por vivenciarem situações de caos. Afinal, a Igreja lhes confiou um chamado e, durante a maior parte da Era Cristã, os pastores têm vivido a convicção de que a oração é o ato central e essencial para a manutenção do ministério para o qual foram ordenados.<sup>33</sup>

No entanto, vale ressaltar que a prática pastoral tem as suas responsabilidades. Apontamos somente duas delas que fazem junção ao aspecto ministerial: primeiro, apresentar a palavra eterna e a vontade de Deus e, segundo, cumprir a primeira tarefa considerando as particularidades do local e das pessoas, o lugar que o pastor vive e as pessoas específicas com quem ele convive.<sup>34</sup>

É só compararmos o comportamento semanal do pastor que faz a sua caminhada curta, mas bastante dolorosa, do altar para o convívio próximo com os fiéis no próprio templo. No primeiro cenário, o altar, tudo estava dentro da normalidade: as escrituras por sua vez contaram a verdadeira história de salvação, o sermão recontou-a na linguagem da congregação, o pastor termina o culto com os braços levantados para impetrar a benção a favor de todos, mas no campo individual das emoções do dia a dia, ou seja, fora do templo, o mesmo que pregou a benção também volta a conviver com as ruínas enfrentadas pela comunidade.<sup>35</sup>

É fora do altar que a atmosfera toma outra dimensão e torna o ambiente do pós-culto, momento em que o pastor precisa encarar a realidade pessoal de cada membro, e lhe dar com crises no casamento e queixas com os filhos, por exemplo. No saguão, os pecados da congregação preenchem a agenda pastoral para uma semana de visitas, aconselhamento, consolo e orientação.<sup>36</sup>

A realidade semanal é enfrentada no convívio ainda no templo, onde a atenção pastoral passa a focalizar os que não conseguem encontrar o seu lugar na aliança. São pessoas frustradas, obstinadas, cheias de queixas, dizendo que suas experiências pessoais as deixam

---

<sup>32</sup> PETERSON, Eugene H. *Um pastor segundo o coração de Deus: a forma da integridade pastoral*. Rio de Janeiro: Textus, 2000. p. 21.

<sup>33</sup> PETERSON, 2000, p. 26.

<sup>34</sup> PETERSON, 2003, p. 18.

<sup>35</sup> PETERSON, 2003, p. 94.

<sup>36</sup> PETERSON, Eugene H. *O pastor que Deus usa: cinco pilares da prática pastoral*. 2. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2008. p. 75.

fora do propósito geral, como se elas não fizessem parte ou foram deixadas de lado pelos religiosos.<sup>37</sup>

O pastor ao cuidar lida diretamente com a fraqueza dos fracos e suas limitações. Se fossemos analisar a fala de Paulo sobre a fraqueza, encontraremos em 2 Co 12,9 sua afirmação de que “o poder se aperfeiçoa na fraqueza”, isto é, se completa na fraqueza. Paulo nos sugere uma postura tanto quanto honesta e compreensível de que tal fraqueza é, na verdade, constitutiva do ser humano.<sup>38</sup>

#### 4 O CUIDADO NO “MUNDO”

O cuidado não está restrito apenas dentro do espaço religioso como ato exclusivo e conferido a este grupo, mas também se apresenta no mundo. O ato do qual falamos até aqui se mostra tão necessário para a comunidade quanto para o mundo por se tratar de uma atitude conferida a todos de igual modo, sem exclusividade a qualquer pessoa ou grupo. É por conta desta necessidade que apresentaremos a ação do cuidado no âmbito global e suas implicações nas relações entre os indivíduos que partilham do mesmo ambiente.

É notável que se percebe a presença do cuidado em todos os lugares, tanto em coisas quanto em pessoas. Diante do pressuposto que pretendemos explorar um pouco mais deste cuidado de forma mais restrita – no *mundo* – refletindo a ação conjunta do ser humano em prol deste cuidado no planeta terra.

O mundo é construído através das relações sociais e isso se dá porque somos seres falantes que, pela fala, constroem o mundo com suas relações. Desta forma, encontramos no mundo o outro que sem o mesmo se torna impossível existir. Logo, identificamos que é inevitável viver em um mundo sem a presença do outro pelo seguinte fato de um gerar o outro – o tu é parteiro do eu.<sup>39</sup>

O outro do qual falamos está inserido no mundo sob a forma de homem e mulher possuidores de suas indiferenças, mas se encontram no mesmo chão comum da humanidade, pois partilham de necessidades iguais. A diferença entre eles não é algo fechado e definido, porque encontram sempre algo aberto, emoldurável em permanente interação e reciprocidade, tornando fácil o convívio pessoal entre ambos.<sup>40</sup>

---

<sup>37</sup> PETERSON, 2003, p. 95-96.

<sup>38</sup> ROCHA, 2012, p.116-117.

<sup>39</sup> BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra*. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 162.

<sup>40</sup> BOFF, 2013, p. 163.

A relação com o próximo também revela um dos atos que é constitutivo do ser humano: a compaixão. Ela não é proveniente apenas de um ato e sim de um conjunto de decisões com profunda humanidade que, por sua vez, vai em direção ao outro gerando atos compassivos. Essa é a causa pela qual podemos dizer que o ser humano é essencialmente um ser de compaixão.<sup>41</sup>

O ser humano é movido pela atitude de cuidar seja do cachorro, do jardim, dos peixes e dos pássaros, e tudo isso pertence à atitude do cuidado material, pessoal, social, ecológico e espiritual da casa. O cuidado é considerado o *ethos* do humano, ou seja, o mundo em que ele habita e por se mostrar mais que um ato, é uma *atitude*, pois demonstra que estamos comprometidos em cuidar deste ambiente para promover o bem estar dos que habitam nele.<sup>42</sup>

A busca pela felicidade pessoal tem sido tão frequente em nosso tempo que nos leva a fazer uma distinção entre a *felicidade pessoal* e a *felicidade pelo outro*. É preciso ressaltar aqui que todo sofrimento neste mundo surge por causa do desejo egoísta da própria felicidade e bem-estar, sendo que na verdade toda felicidade é resultado da busca desinteressada do bem-estar e da felicidade dos outros.<sup>43</sup>

A relação com o outro define quem somos no mundo, tornando este o nosso lugar de existência. Portanto, o ser humano só é quando se processa no outro e o outro se torna o nosso lugar de realizações e, neste sentido, tomamos como parâmetro que o outro como lugar nos remete ao cuidado que incrementa o nosso ser. Logo, que o descuido do outro decrementa o nosso ser.<sup>44</sup>

O cuidado se encontra estabelecido na condição de que ao cuidarmos do outro cumprimos a alteridade. No entanto, nós estamos condicionados como seres dependentes de cuidado, tanto que se olharmos em nossa volta encontramos a presença do cuidado na natureza, nas coisas, nos objetos. Só há existência dos mesmos através do cuidado, contudo, sem o qual não existiria o ser humano dentro desta condição seria impossível coexistir sem o outro.

O coexistir dependerá das relações ou relação que este ser estabelece ao longo de sua vida. Embora o ser humano se construa permanentemente nas relações com o outro e também por meio de sua presença no mundo, é preciso estabelecer uma relação de transcendência,

---

<sup>41</sup> BOFF, Leonardo. Princípio de compaixão e cuidado. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 10.

<sup>42</sup> BOFF, 2013, p. 37-38.

<sup>43</sup> BOFF, 2000, p. 34.

<sup>44</sup> ROCHA, Abdruschin S. *O outro como lugar*. [YouTube, 11 out. 2018]. Vitória: Faculdade Unida, 2018d. (06min 51s). [online].

pois ela supera as relações de objetividade – *ser-no-mundo* – e de intersubjetividade – *ser-com-o-outro*.<sup>45</sup>

É preciso assumir o compromisso de cuidar do outro, tendo a responsabilidade de acolher o sofrimento alheio com um profundo sentimento universal, que é a compaixão para com tudo quanto possui vida. Mas, em primeiro lugar, para com o ser humano na tentativa de mantê-lo existente em um mundo com inúmeros sofrimentos espirituais e corporais do ser humano.<sup>46</sup>

## CONCLUSÃO

Concluo que o cuidado pastoral está atrelado ao modo essencial do ser humano. Isto significa que ele defini a nossa existência e é uma vocação da comunidade cristã no mundo. Logo, quando aplicado, o cuidado do líder precisa ser contínuo uma vez que a missão de zelar corresponde ao futuro intelectual do ser humano. Caso contrário, entram os parâmetros do *descuido* e *descaso*, modelos que precisam ser evitados no processo para garantir a sobrevivência do outro. Compreende-se também que o cuidado é uma atitude do ser muito além de um simples ato. Logo, cuidamos de alguma coisa ou algo e demonstramos a nossa dedicação pelo outro. Desta forma, subtende-se que a participação da comunidade cristã auxilia na descentralização do cuidado pastoral.

## REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. Princípio de compaixão e cuidado. Petrópolis: Vozes, 2001.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 2008.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra*. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

BOSETTI, Elena; PANIMOLLE, Salvatore A. *Deus-pastor na Bíblia: solidariedade de Deus com seu povo*. São Paulo: Paulinas, 1986.

BRASIL. Casa Civil. *Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990*. [Dispõe sobre a proteção do consumidor e dá outras providências]. Brasília: Presidência da República. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18078compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18078compilado.htm). Acesso em: 15 mar. 2021.

---

<sup>45</sup> ROCHA, 2012, p. 188.

<sup>46</sup> BOOFF, 2000, p. 27.

PETERSON, Eugene H. *Um pastor segundo o coração de Deus: a forma da integridade pastoral*. Rio de Janeiro: Textus, 2000.

PETERSON, Eugene H. *O pastor que Deus usa: o trabalho pastoral segundo a Palavra de Deus*. Rio de Janeiro: Textus, 2003.

PETERSON, Eugene H. *O pastor que Deus usa: cinco pilares da prática pastoral*. 2. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

ROCHA, Abdruschin S. *Hermenêutica do cuidado pastoral: lendo textos e pessoas num mundo paradoxal*. São Leopoldo: Sinodal, 2012.

ROCHA, Abdruschin S. *O cuidado pastoral e os limites do dualismo clero-laicato*. [YouTube, 11 out. 2018]. Vitória: Faculdade Unida, 2018a. (28min 24s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qkm22c9dkI4&list=PLqG-NnkUvyuaGD8gjWgYyHFHYfE0VDAAtQ&index=2&t=0s>. Acesso em: 02 jan. 2021.

ROCHA, Abdruschin S. *O mundo como lugar*. [YouTube, 11 out. 2018]. Vitória: Faculdade Unida, 2018b. (05min 39s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CoyZuc8tpZc&list=PLqG-NnkUvyuaGD8gjWgYyHFHYfE0VDAAtQ&index=5&t=0s>. Acesso em: 02 jan. 2021.

ROCHA, Abdruschin S. *O cuidado como modo de ser*. [YouTube, 11 out. 2018]. Vitória: Faculdade Unida, 2018c. (09min 50s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CfjAQ2OJnQw&list=PLqG-NnkUvyuaGD8gjWgYyHFHYfE0VDAAtQ&index=3&t=412s>. Acesso em: 02 jan. 2021.

ROCHA, Abdruschin S. *O outro como lugar*. [YouTube, 11 out. 2018]. Vitória: Faculdade Unida, 2018d. (06min 51s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qdy9WbosAWk&list=PLqG-NnkUvyuaGD8gjWgYyHFHYfE0VDAAtQ&index=6&t=0s>. Acesso em: 02 jan. 2021.

SATHLER-ROSA, Ronaldo. *Cuidado pastoral em tempos de insegurança: uma hermenêutica teológico-pastoral*. 2. ed. São Paulo: Aste, 2010.

SILVA, Ivan de O. *Relação de consumo religiosa: a vulnerabilidade do fiel-consumidor e a sua tutela por meio do Código de Defesa do Consumidor*. São Paulo: Atlas, 2012.